

POR UMA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS: COMPLEXIDADE E PERCEPÇÃO COMO UTOPIAS POSSÍVEIS AO SÉCULO XXI

Fernanda Antunes Gomes da Costa
nandantunes80@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8140849011724900>

Gustavo Arantes Camargo
gustavocamargo@macae.ufrj.br
<http://lattes.cnpq.br/288589532466343>

Jeanete Simone Fendeler Höelz
jeanete.fendeler@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5907369936926853>

RESUMO: O presente trabalho intenciona sistematizar contribuições à educação relacionadas à matriz teórica dos filósofos franceses, Edgar Morin, que desenvolveu a teoria da complexidade, de Maurice Merleau-Ponty, que exercitou em sua teoria reflexões sobre a fenomenologia da percepção e de Moacir Gadotti, educador brasileiro, que analisa tendências pedagógicas, inspirando-se nas ideias de Paulo Freire. Desse modo, trazemos dois principais elementos para a discussão acadêmica, a complexidade e a experiência pela percepção, como formas de contribuição para uma educação de novos sentidos e que venha a sonhar com um mundo melhor no século XXI. Mudanças profundas ocorreram nas últimas décadas em escala mundial, entre elas, ressalta-se aqui, a globalização da economia e o desenvolvimento tecnológico. Portanto, a condição teórica deste trabalho se constrói a partir de referenciais que buscam uma releitura crítica do modelo de desenvolvimento do mundo e na construção de um novo paradigma de relacionamento entre o homem e o meio, considerando a cultura, a experiência e a complexidade humana como formas de conhecimento para construção de um novo pensamento.

Palavras-Chave: Complexidade, Percepção, Sentidos, Educação, Sonho.

*Nenhuma palavra
alcança o mundo, eu sei
Ainda assim,
escrevo
(Mia Couto, 2016, p. 107)*

Introdução

Em 1750 a Academia de Dijon promove um concurso de textos com o tema: "O restabelecimento das ciências e das artes terá favorecido o aprimoramento dos costumes?". Duzentos e sessenta e oito anos depois, nos perguntamos: "É ainda possível sonhar no século XXI?".

O que era dúvida em 1750 foi respondido com uma negativa por Rousseau. O progresso das ciências e das artes não contribuíra para o desenvolvimento da humanidade. Hoje, esta negativa parece estar se confirmando, afinal, a pergunta se ainda é possível sonhar aponta para algo que outrora possível, talvez não mais o seja. E o motivo? O avanço da ciência. Se, para Rousseau, a ciência não favoreceu a purificação dos costumes, esta mesma ciência hoje nos impediria de sonhar?

Em uma linha de raciocínio menos pessimista do que a do filósofo francês do século XVIII, buscaremos em dois outros filósofos franceses, Edgar Morin e Merleau-Ponty, assim como em Moacir Gadotti, contribuições para uma educação que nos permita sonhar com um mundo melhor no século XXI.

Complexidade e educação

O avanço científico vem provocando cada vez mais transformações em nosso mundo desde o século XVII. Inovações nas pesquisas, nas descobertas e na tecnologia promoveram novas formas de concepção sobre a humanidade, sobre as relações de trabalho, de consumo e de comunicação. Entretanto, em vários casos, as consequências dessas mudanças foram prejudiciais para grande parte da humanidade, como no caso da colonização, das guerras mundiais e do potencial bélico de destruição em massa.

Além desses elementos, destacamos como de nosso interesse a crise ecológica, que tem produzido grandes discussões sobre uma possível catástrofe planetária e esgotamento de recursos, mas, ao mesmo tempo, tem promovido um crescente entendimento sistêmico da natureza e humanidade, contrapondo-se aos princípios do pensamento moderno, sabidamente cartesiano e simplificador.

Em nossa sociedade tecnicista, o pensamento tem atuado de forma fragmentada, correspondendo aos princípios do pensamento cartesiano e conseqüentemente, tem produzido um conhecimento disjuntivo, fracionado, que opera sobre a realidade de forma desconexa, isolada e mutilada. Nesse sentido, a filosofia de Edgar Morin entende que, diante de um cenário de emergência de crise ecológica e humana em escala planetária, faz-se necessário o entendimento de que esta forma de pensamento reducionista não

suporta mais a produção de conhecimentos capazes de operacionalizar as grandes demandas da atualidade, devido a sua complexidade.

Morin afirma que o pensamento complexo permite abarcar a complexidade necessária para pensar o mundo contemporâneo, embora não descarte o valor das especialidades. Morin entende que é preciso desenvolver simultaneamente o global e o local: “mundializar e desmundializar, crescer e decrescer, desenvolver e reduzir, conservar e transformar” (MORIN, 2013, p. 41).

Segundo Edgar Morin é necessário “uma nova concepção que leve em conta o sujeito conceitor na construção do objeto”. Para o pensamento do ocidente tanto, sujeito e objeto, como natureza e sociedade, são termos que se excluem. Morin propõe uma alternativa por meio da qual natureza, sociedade e homem podem ser pensados conjuntamente e suas implicações mútuas podem ser enxergadas. As relações entre as adversidades.

Uma política ecológica contribui com a política de civilização, que, por sua vez, contribui com a política ecológica, e ambas constituem vias reformadoras que se conjugam necessariamente a outras vias (entre elas, a reforma da educação, a reforma do consumo, a reforma de vida.) – (MORIN, 2013, p. 116)

Nesse sentido, Morin aponta a Educação Ambiental enquanto ação estratégica. Para tal, esta nova parceria entre natureza e humanidade, necessita superar o modo de pensar atual, precisa de uma reforma do pensamento. Entendemos que a questão ambiental se situa em ponto chave deste debate, pois envolve a maneira como nossa sociedade se relaciona com a natureza, ao entendê-la apenas como provedora de recursos, põem em xeque uma sociedade voltada para o consumo excessivo, mas excludente de bens muitas vezes supérfluos e aponta para o papel preponderante de uma nova educação para uma nova sociedade. Só assim poderemos sonhar com um mundo socioambientalmente melhor. Neste contexto, o desafio da Complexidade constitui um problema da ação e pensamento políticos. Se o conhecimento não for religado, será impossível “conhecer o tecido comum das coisas”.

Afinal de contas, do que se trata a complexidade?

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... (MORIN, 2011, p. 13)

Diferentemente do que geralmente se entende por complexo, ou seja, algo difícil de resolver, complexo para Morin relaciona-se a elementos diversos que se participam no todo; que devem ser entendidos entre si e em suas divergências. Para tal se faz necessário a religação dos saberes.

Do ponto de vista educacional, Morin alerta que um pensamento mutilador conduz a ações mutilantes. O pensamento moderno, também se revela simplificador, fragmentado, disjuntivo. Este pensamento é incapaz de dar conta das grandes questões da atualidade que englobam ameaças planetárias. Morin entende que “a patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral.”(MORIN, 2011, p15). Ora como tratar parte do real que não é racionalizável?

Morin propõe o resgate da ideia da unidade complexa, “que liga o pensamento analítico-reducionista e o pensamento da globalidade” através da dialogia. (MORIN, 2011, P54). Dessa forma, entende-se que as especificidades não perdem seus valores, como as disciplinas e o pensamento linear, mas sim sugere-se que haja um movimento de religação dos saberes.

Percepções e experiências para uma educação dos sentidos

Diante da relação entre Complexidade e Educação Ambiental, entendemos que algumas reflexões teóricas de Maurice Merleau-Ponty, estudioso da fenomenologia do conhecimento, que tem a percepção como um dos principais conceitos de seu pensamento filosófico, têm muito a contribuir em nosso sonho de uma educação transformadora.

O seu livro *Palestras* reúne alguns resumos de cursos, pequenas comunicações feitas por ele na rádio em 1948 e notas de trabalho. Esses trabalhos discutem a questão da percepção, de um ponto de vista filosófico. Vale chamar atenção para o fato de que os aspectos que envolvem os estudos da percepção, ensinados por Merleau-Ponty, têm como base a teoria fenomenológica. Esta, por sua vez, entende o papel da percepção de maneira distinta das concepções empiristas e racionalistas intelectualistas dominantes no paradigma moderno.

Em sua abordagem, Merleau-Ponty põe em questão o mundo percebido a partir apenas do conhecimento científico, saber este que, em geral, desvaloriza, segundo ele, as nossas experiências vividas no mundo. Ele indaga: seria a nossa percepção apenas a ilusão em que vivem os nossos sentidos? Estes, por sua vez, tratariam apenas aparências? Revendo o pensamento de outros filósofos, Merleau-Ponty lembra que, segundo Descartes, não seria correto e exato confiar em resultados obtidos apenas pelas experiências sensíveis, pois só a investigação científica metodológica poderia chegar a conclusões verdadeiras. Ao retomar essa premissa, Merleau-Ponty mostra que a relação entre ciência e percepção sempre se fez confusa, pois pensada a partir da dicotomia “aparência / realidade”.

Merleau-Ponty ressalta que não nega o valor da ciência na busca pela exatidão, pela verdade e pela realidade. Ele concorda com o valor da busca pela verificação científica. No entanto, questiona se a representação completa do mundo oferecida pela ciência deve fechar-se sobre si própria a ponto de não suscitar mais nenhuma outra questão.

Merleau-Ponty faz mais uma análise crítica ao pensamento metodológico de Descartes. Para este, um espírito não ocupa qualquer espaço e nada mais é que puro conhecimento de si próprio. No entanto, Merleau-Ponty ressalta que esse estado de espírito inteiramente puro só é possível através da presença dos corpos no espaço, já que só conhecemos esse espírito através do homem, e só conhecemos o homem através dos seus olhares, dos seus gestos, das suas palavras, portanto do seu corpo.

Ao interagirmos com o mundo, inserimos nossas histórias, nossas paixões e nossas afetividades. Essa relação entre o sujeito e o mundo exterior ultrapassa as relações físico-fisiológicas entendidas por muitos como únicos sentidos da percepção.

Tais trocas corporais com o mundo, com a significação e interpretação das coisas, com os sentidos despertados pelo nosso campo perceptivo, serão considerados por nós um caminho possível ao onírico, fazendo-nos ressignificar a realidade do século XXI ao buscarmos um percurso dos sentidos.

Os racionalistas intelectualistas fizeram uma crítica à percepção quanto à sua confiabilidade e à sua verdade. Para eles, o pensamento científico devia abandonar os dados da percepção, pois estes dependiam de condições particulares e subjetivas de quem percebia, não correspondendo, desse modo, à realidade de um objeto.

Já para a fenomenologia do conhecimento, defendida por Merleau-Ponty, a percepção é parte principal do conhecimento humano. Não é um mero reservatório de onde saíram ideias, ou simples ideias confusas a serem descartadas. Como nos esclarece Marilena Chaui (2011, pp. 177-178), a

(...) percepção sempre se realiza por perfis ou perspectivas, isto é, nunca podemos perceber de uma só vez um objeto, pois somente percebemos algumas de suas faces de cada vez. É isso que significa dizer que o percebido é observável, isto é, que só é percebido porque o contemplamos de várias maneiras e ângulos diferentes e nunca percebemos por inteiro de uma só vez. Ao contrário, no pensamento nosso intelecto compreende uma ideia de uma só vez e por inteiro, isto é, captamos a totalidade do sentido de uma ideia de uma só vez, sem precisar examinar cada uma de suas “faces”.

A fenomenologia não considera, assim, pertinente o problema da ilusão defendido pelos intelectualistas. Estes, por não compreenderem a diferença entre objeto percebido e objeto pensado, consideravam a percepção uma forma inferior de conhecimento. Marilena Chaui, comentando esse conceito à luz de Ponty, afirma:

A percepção se realiza num campo perceptivo e o percebido não está “deformado” por nada, pois perceber é diferente de fazer geometria ou física. Perceber é diferente de pensar e não uma forma inferior de pensamento. A percepção não é causada pelos objetos sobre nós nem é causada pelo nosso corpo sobre as coisas: ela é a relação entre elas e nós e entre nós e elas. O que torna possível e real essa relação? O fato de que nós e as coisas somos seres corporais. A percepção é um acontecimento ou uma vivência corporal e mental (CHAUI, 2011, p. 178).

Por fim, ratificamos aquilo que julgamos importantes ao buscarmos o sonho e as percepções humanas como possibilidades de conhecimento ainda ao século vigente: a percepção como o conhecimento sensorial dotado de significação e capaz de ressignificar a experiência do ser com o mundo, podendo, assim, permitir novos sonhos, novos percursos.

A Complexidade, a percepção e o campo da educação: sonhando com utopias possíveis

Dentro do paradigma moderno, a Pedagogia tem atuado fragmentando o conhecimento, desta forma desconectado com o Universal, impossibilitando qualquer interação entre o local e o global, “o que proporciona uma resolução das questões existenciais completamente desvinculadas da contextura em que elas estão situadas” (SANTANA, A.L.). Nosso entendimento de nós mesmos também é abalado, na medida em que fechamos o entendimento de nossa percepção no mesmo paradigma. Uma educação que nos permita sonhar é uma educação que supere a lógica fragmentária e racionalista como única forma de produção de conhecimento possível. Reiteramos que não se trata de negar as especialidades, tampouco a própria razão, mas de entender que a superação de nossa crise societária contemporânea passa pela ampliação de nossa percepção e pelo reconhecimento da validade de outros saberes, como os dos povos indígenas, por exemplo.

Segundo Morim, o ensino contemporâneo parte de disciplinas separadas para tratar os grandes problemas, descontextualizando-os. Dessa forma, a partir do pensamento

complexo, a reforma da educação se daria a partir da religação dos saberes. Esta permitiria tratar todas as grandes questões tanto individuais como coletivas em sua complexidade.

Almeida, 2004, mostra o investimento de Morin em relação à Educação, principalmente através das obras: Os sete saberes necessários à educação do futuro; (Cortez), A cabeça bem-feita (Bertrand Brasil) e A religação dos saberes (Bertrand Brasil). A autora aponta as metaquestões que devem ser resguardadas:

A reforma da universidade não se reduz a uma reforma pragmática, ela subentende uma reforma paradigmática. (As outras duas questões são formuladas como perguntas) 2. Deve a universidade adaptar-se à sociedade ou a sociedade a ela? 3. De onde partirão ou devem partir as propostas de reforma? - a essa questão Morin pondera que, embora reconheça a necessidade de transformar a estrutura hegemônica da academia, é importante investir, também, em iniciativas marginais. (ALMEIDA, 2004, p.16)

A autora sintetiza em princípios a aposta de Edgar Morin numa educação para a complexidade que possibilite a religação “nas teorias, nos conhecimentos e na ciência, os laços indissociáveis da teia da via”.

1. Pensar a educação como uma atividade humana cercada de incertezas e indeterminações, mas também comprometida com os destinos dos homens, mulheres e crianças que habitam nossa "terra-pátria";
2. Praticar uma ética da competência que comporte ao mesmo tempo um pacto com o presente sem esquecer nosso compromisso com o futuro;
3. Buscar as conexões existentes entre o fenômeno que queremos compreender e o seu ambiente maior;
4. Abdicar da ortodoxia, das fáceis respostas finalistas e completas;
5. Exercitar o diálogo entre os vários domínios das especialidades;
6. Deixar emergir a complementaridade entre arte, ciência e literatura;
7. Transformar nossos ensinamentos em linguagens que ampliem o número de interlocutores da ciência. (ALMEIDA, 2004, p.17)

Merleau-Ponty, em sua teoria já apresentada, ao enaltecer as experiências e as percepções humanas, também pode configurar contribuição importante para uma

educação que deseja valorizar os afetos e as relações existentes entre o homem e o mundo que o cerca. A cultura, a arte, o conhecimento oriundo das experimentações perceptivas também são reconhecidos pelo filósofo como forma de conhecimento capaz de transformar a realidade e, por que não, os sonhos e as aspirações, já que “a percepção envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo” (CHAUI, 2001, 176).

Sendo assim o sensível, a percepção e a complexidade poderiam ser considerados fatores importantes na ressignificação dos sentidos de uma educação que pudesse ter a experiência e as relações humanas como um percurso para se sonhar um século XXI, em meio a tantas incertezas, comprometido com o diálogo e não com um singularismo científico; afinal, já afirmou Rubem Alves, em *A Educação dos Sentidos e mais*, que “a inteligência jamais procura a emoção. É a emoção que procura a inteligência. É a emoção que deseja ser eficaz para realizar o sonho” (ALVES, 2005, p. 20). Assim, buscamos na educação que valoriza a subjetividade da complexidade e da percepção uma possibilidade de (re)encontro com o onírico do século vigente.

Conclusão: por uma educação que nos permita sonhar

Moacir Gadotti (2011, p.73) reafirma que o cenário planetário atual não é otimista. Para o autor a sustentabilidade é ponto necessário para se pensar tanto o Planeta quanto a Educação. Em consonância com o pensamento moriniano, Gadotti apresenta como necessária uma ação global, denominada pelo autor como planetarização, na qual os fundamentos não seriam baseados no processo de exploração econômica social da atualidade.

Gadotti (2011, p. 74) aponta a necessidade de uma “Pedagogia da Terra”, baseada em saberes interdependentes, dos quais destaca: Educar para pensar globalmente; Educar os sentimentos; Ensinar a identidade terrena; Formar para consciência planetária; Formar

para a compreensão e Educar para a simplicidade. O autor entende que diante de tal emergência planetária, é preciso saber pensar a realidade e lembra o que nos faz homens: o fato de sentirmos e não de pensarmos, por isso Educar é para ter sentido, com vínculo com a Terra e a partir da solidariedade como valor e simplicidade no viver. E esta simplicidade, é importante esclarecer, não se trata de ideia contrária à complexidade abarcada por Morin, mas refere-se à mudança no modo de viver, nos hábitos de consumo e para tal Gadotti supõe a necessidade de justiça. (GADOTTI, 2011, p.73-77) Entendemos que o pensamento pedagógico de Gadotti se aproxima da complexidade proposta por Morin, pois há a necessidade de mudança no atual paradigma educacional antropocêntrico e uma necessária complexificação das relações entre os conhecimentos.

Gadotti ainda ressalta que a relação entre o cognitivo e o afetivo era muito forte na práxis freiriana, questões essas que a complexidade e a percepção consideram como forma de conhecimento e que não estão desgarradas do sujeito que interage com mundo através das suas relações e das suas experiências. Por isso, acreditamos que as ideias defendidas por Moacyr Gadotti também possam dialogar com a filosofia de Merleau-Ponty. Nessa linha de raciocínio ainda, o professor Gadotti lança pontos muito pertinentes ao século XXI, tais como “Por que mudar o mundo?” e “O que é esse mundo possível?”. Em suas reflexões, vem a dizer que a mudança se faz necessária pelas injustiças vividas na atual realidade e que um mundo de possibilidades outras seria aquele que deveria buscar ser um mundo “ambientalmente saudável, social e economicamente justo” (GADOTTI, 2011, p. 94). O caminho para isso seria uma educação que pudesse romper com a ideia de mercantilização, ou seja, “uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança” (GADOTTI, 2011, p. 97). Gadotti reforça a ideia de educação como vida. Ela é vida, afirma o professor; afinal,

A educação, para ser transformadora, emancipadora, precisa estar centrada na vida, ao contrário da educação neoliberal que está centrada na competitividade sem solidariedade. Para ser emancipadora, a educação

precisa considerar as pessoas, suas culturas, respeitar o modo de vida das pessoas, sua identidade (GADOTTI, 2011, p. 109)

Confiamos também, portanto, nesse percurso da educação lançado por Gadotti, e já pensado por Paulo Freire, em que a educação, ao considerar as experiências e as complexidades do sujeito, vem, assim, a combater métodos e técnicas que afastam o sentido verdadeiro do aprendizado, em prol de uma educação genérica a serviço de interesses econômicos.

Para finalizar as reflexões da obra *A boniteza de um sonho – aprender e ensinar com sentido*, Gadotti ainda retoma Rubem Alves e Paulo Freire. Este por sonhar uma sociedade justa para todos, em que a pluralidade de ideias fosse vigente. Aquele por reforçar a educação como uma forma de encantamento pelo mundo. Isso seria ignorar a realidade das escolas e dos professores atualmente? Gadotti diria não a essa contra argumentação, pois é, segundo ele, na busca por reacender o sentido da educação que estaremos ainda sonhando um século XXI de caminhos outros possíveis: “Sair do plano ideal para a prática não é abandonar o sonho para agir, mas agir em função dele, agir em função de um projeto de vida e de escola, de cidade, de mundo possível, de planeta... um projeto de esperança” (GADOTTI, 2011, p. 114).

Portanto, finalizamos acreditando que questões relacionadas à complexidade de Morin, ao conhecimento pelos sentidos, de Merleau-Ponty, e de uma educação que venha a mudar o mundo, explicitada por Gadotti e Paulo Freire, sejam pertinentes a um projeto educacional que venha a ter, de fato, novos sentidos e, assim, permitir a ressignificação do mundo e dos sonhos neste século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da conceição de. **Um Itinerário do Pensamento de Edgar Morin**. Cadernos IHU Ideias. Ano 2 – nº18. São Leopoldo – RS: Usininos, 2004.

ALVES, Rubem. **A Educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus Editora, 2005.

AMORIM, Maria da Conceição de Melo. **O Humano em Edgar Morin: Contribuições para a compreensão da integralidade na reflexão pedagógica.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Ferdinand Röhr. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** 14 ed. São Paulo: Ática, 2011.

COUTO, Mia. **Poemas Escolhidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho – ensinar e aprender com sentido.** -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

MERLEAU-PONTY. **Palestras (Causeries 1948).** Lisboa / Portugal: Edições 70, 2002.

MORIN, EDGAR. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco _ **A Via para o futuro da Humanidade.** Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2013.

_____ **Introdução ao pensamento complexo.** Editora Meridional Sulina: 2011.

SANTANA, Ana, Lucia. **A Educação segundo Edgar Morin.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/a-educacao-segundo-edgar-morin/> Acesso em 01/03/2018.

ROUSSEAU, J-J. **Discurso sobre as ciências e as artes.** 1749. Ebooksbrasil. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cienciaarte.pdf>> Acesso em 03/03/2018.

SOBRE OS AUTORES

Fernanda Antunes Gomes da Costa: Possui graduação em Letras (UFRJ, 2004), Mestrado (UFRJ, 2007) e Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ, 2014). Atualmente é Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Campus Macaé*.

Gustavo Arantes Camargo: Graduado em Ciências Econômicas (PUC-RJ, 2001), Mestre e Doutor em Filosofia (PUC-RJ, 2004 e 2008). Atualmente é Professor Ajunto de Filosofia da Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Campus Macaé* e Membro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPG-CiAC) na mesma Universidade.

Jeanete Simone Fendeler Höelz: Possui graduação em Pedagogia (Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, 1990), Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação (UFRJ, *Campus Macaé*, 2015), Doutoranda em Ciências Ambientais e Conservação (UFRJ, *Campus Macaé*). Atualmente é Professora na Educação Básica do estado do Rio de Janeiro e Técnica em Assuntos Educacionais (UFRJ, *Campus Macaé*).